

## HAVERIA UMA FILOSOFIA DA LINGUAGEM NOS *ENSAIOS* DE MONTAIGNE ?

Pedro Carné

Universidade Federal de Campina Grande

Email: [pedrohpcarne@gmail.com](mailto:pedrohpcarne@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste artigo consiste em sugerir a existência de uma filosofia da linguagem nos *Ensaíos*, de Montaigne. Para isso, enfatizo alguns dos argumentos movimentados por Montaigne em seu ensaio em defesa de Raymond Sebond, particularmente aqueles dedicados à comunicação que estabelecemos com os animais.

**Palavras-chave:** Filosofia da Linguagem; Comunicação; Montaigne.

**Abstract:** The purpose of this article is to suggest the existence of a philosophy of language in Montaigne's *Essays*. To do so, I emphasize some of the arguments moved by Montaigne in his essay in defense of Raymond Sebond, particularly those dedicated to the communication we establish with animals.

**Keywords:** Philosophy of Language; Communication; Montaigne.

### 1

Gostaria de dizer algumas palavras sobre os *Ensaíos*, de Montaigne. Mais especificamente, gostaria de dizer algumas palavras sobre a relação de Montaigne com problemas que compõem o conjunto de interesses da filosofia da linguagem. Palavras provisórias, naturalmente, como geralmente são as palavras destinadas a compreender essa obra inesgotável. Deste modo, minha hipótese é a seguinte: (i) se a natureza da finalidade comunicacional da linguagem é um problema para a filosofia da linguagem e (ii) se o desenvolvimento de reflexões acerca desta questão é suficiente para que incluamos um filósofo na história da filosofia da linguagem, então, certamente, (iii) podemos considerar Montaigne como um filósofo da linguagem, ou, pelo menos, como um filósofo que refletiu sobre problemas que estão na órbita da filosofia da linguagem.

Ao analisar nossa relação com os animais, Montaigne sugere que a linguagem dos movimentos seria a linguagem natural do gênero humano. Em seus termos: “[C] não há movimento que não fale tanto uma linguagem inteligível sem aprendizagem, quanto uma linguagem pública; o que, vendo-se a variedade e o uso distinto das outras, faz que esta aqui deva antes ser considerada como própria da natureza humana”.<sup>1</sup> Pode parecer estranho que Montaigne tenha escrito algo como “a linguagem própria da natureza humana”, mas esta é a expressão que encontramos no famoso ensaio “Apologia de Raymond Sebond”, o mais volumoso ensaio dos *Ensaíos*. Especificamente, encontramos-la no momento em que Montaigne analisa a vaidade humana e diagnostica a presunção como nossa doença natural.

Pretendo, assim, inicialmente, expor os problemas observados por Montaigne na relação que estabelecemos com os animais sob a perspectiva da comunicação; na

---

<sup>1</sup> Montaigne, 2002b, 12, p. 184.

sequência, apresentar duas maneiras através das quais podemos considerar este conjunto de problemas; para, por fim, indicar alguns desdobramentos deste breve estudo.

## 2

As considerações de Montaigne sobre nossa presunção e vaidade ocupam muitas páginas dos *Ensaio*s. O mais volumoso ensaio dos *Ensaio*s, após a “Apologia de Raymond Sebond”, é dedicado à vaidade, e outro, que certamente podemos alojar entre os dez ensaios mais longos, é dedicado à presunção.<sup>2</sup> Destas informações, podemos depreender que a vaidade e a presunção eram temas fundamentais para Montaigne, temas que podemos costumeiramente encontrar em seu horizonte. Consequentemente, temas que certamente encontraremos no ensaio em defesa de Raymond Sebond.

Na “Apologia de Raymond Sebond”, resumidamente, Montaigne afirma que a vaidade de nossa imaginação faz com que nos esqueçamos da precariedade de nossa condição, nos atribuamos características divinas e nos julguemos acima dos demais seres, os seres com quem partilhamos o mundo. Isto é: a vaidade de nossa imaginação faz com que nos consideremos superiores aos demais animais e nos esqueçamos de quem somos. O contraponto exato desta situação seria a descrição da idade de ouro feita por Platão, na qual a comunicação com os animais garantia o desenvolvimento de um entendimento e prudência perfeitos, os quais, por sua vez, permitiam ao ser humano conduzir sua vida de maneira mais feliz. Assim, podemos dizer que uma vida infeliz seria o resultado da justaposição do esquecimento de nossa condição e da vaidade de nossa imaginação.

Se Platão afirma que os seres humanos já desfrutaram da comunicação com os animais, Montaigne se questiona por qual razão essa comunicação desapareceu do nosso horizonte. De acordo com o diagnóstico que Montaigne faz dessa situação, como nós nos achamos superiores aos animais, julgamos que eles seriam os culpados por esse desaparecimento. E, aqui, pergunta-se o filósofo:

[A] Essa deficiência que impede a comunicação entre eles e nós, por que não será tanto nossa quando deles? É de conjecturar a quem cabe a falha de nos entendermos; pois não os entendemos mais do que eles a nós. Por essa mesma razão, eles podem considerar-nos estúpidos, como consideramos a eles.<sup>3</sup>

E, de maneira desconcertante, acrescenta que não é de espantar que não entendamos os animais, pois tampouco entendemos outros povos que falam línguas diferentes da nossa (como os bascos e os trogloditas, por exemplo). É difícil não relacionar essa reflexão de Montaigne com a famosa passagem do ensaio sobre os canibais, na qual o filósofo destaca que os europeus consideram bárbaros os costumes dos nativos do Novo Mundo em função de cada um considerar como barbárie aquilo que não é de seu costume,<sup>4</sup> bem como com a passagem do ensaio sobre a desigualdade que existe entre nós, em que ele, atualizando Plutarco, afirma que há mais distância entre um homem e outro do que entre um homem e um animal.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Cf. Montaigne, 2002c, 9 (sobre a vaidade); e Montaigne 2002b, 17 (sobre a presunção).

<sup>3</sup> Montaigne, 2002b, 12, p. 182.

<sup>4</sup> Cf. *Idem*, 2002a, 31, p. 307

<sup>5</sup> Cf. *Idem*, 42, p. 384.

A fina capacidade de observação do mundo configura uma das características mais marcantes da escrita de Montaigne. Após se questionar sobre a origem do desentendimento entre nós e os animais, o filósofo afirma que, assim como nos comunicamos entre nós mesmos, também os animais se comunicam entre si, e acrescenta: não apenas indivíduos da mesma espécie se comunicam, mas indivíduos de espécies diferentes também manifestam alguma forma de compreensão mútua. Em suas palavras:

[A] Em um determinado latido do cão o cavalo reconhece que existe cólera; com um certo outro som seu ele não se assusta. Mesmo aos animais que não tem voz, pela reciprocidade de serviços que observamos entre eles atribuímos facilmente algum outro meio de comunicação; [C] seus movimentos discorrem e expõem.<sup>6</sup>

Ou seja, ao mesmo tempo em que não podemos culpar os animais pela ausência de comunicação entre eles e nós, somos capazes de observar diferentes formas de comunicação existentes entre eles, o que aprofunda ainda mais nosso problema.

Ao afirmar que os movimentos dos animais discorrem e expõem, isto é, *comunicam*, Montaigne abre espaço para a observação de tudo aquilo que comunicamos sem a utilização da linguagem verbal.<sup>7</sup> Por exemplo, diz o filósofo, “[A] os apaixonados se zangam, reconciliam-se, cortejam-se, agradecem, marcam encontros, enfim dizem todas as coisas por meio dos olhos”.<sup>8</sup> E acrescenta, em uma das passagens mais célebres deste ensaio:

[C] E quanto às mãos? Nós perguntamos, prometemos, chamamos, despedimos, ameaçamos, oramos, suplicamos, negamos, recusamos, interrogamos, admiramos, enumeramos, arrependemo-nos, tememos, envergonhamo-nos, duvidamos, instruímos, comandamos, incitamos, encorajamos, juramos, testemunhamos, acusamos, condenamos, absolvemos, injuriamos, afastamos, desafiamos, desdenhamos, agradamos, aplaudimos, abençoamos, humilhamos, zombamos, reconciliamos, recomendamos, exaltamos, festejamos, rejubilamos, lamentamos, entristecemos, desencorajamos, desesperamos, assustamos, bradamos, calamos; e o que não fazemos? Com uma variação e multiplicidade que rivaliza com a língua. Com a cabeça: convidamos, dispensamos, confessamos, negamos, desmentimos, damos boas-vindas, homenageamos, reverenciamos, desdenhamos, pedimos, recusamos, alegamos, lamentamos, acariciamos, repreendemos, sujeitamos, enfrentamos, exortamos, ameaçamos, tranquilizamos, inquirimos. E quanto às sobrancelhas? E quanto aos ombros?<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> *Idem*, 2002b, 12, p. 182.

<sup>7</sup> Neste momento de sua argumentação, Montaigne cita um par de versos de Lucrécio, que são melhor compreendidos quando citados em seu contexto: “A Natureza levou a humanidade a emitir os variados sons da língua, / e a necessidade deu origem aos nomes das coisas, / de forma idêntica àquela com que também ela parece / levar as crianças a gesticular, devido à sua incapacidade de falar, / quando faz com que mostrem com o dedo um objeto presente” (Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, V, 1030).

<sup>8</sup> Montaigne, 2002b, 12, p. 182.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

A partir dessas observações, Montaigne conclui, com segurança: “[C] não há movimento que não fale tanto uma linguagem inteligível sem aprendizagem, quanto uma linguagem pública; o que, vendo-se a variedade e o uso distinto das outras, faz que esta aqui deva antes ser considerada como própria da natureza humana”.<sup>10</sup> Se a linguagem dos movimentos deve ser considerada como a linguagem própria da natureza humana, podemos naturalmente nos perguntar: qual seria o papel reservado para a voz? Afinal, costumamos pensar que uma parte significativa de nossa comunicação acontece com o auxílio da voz.

Montaigne acredita que também compartilhamos com os demais animais o uso da voz com finalidade comunicacional, uma vez que, assim como eles, utilizamos nossa voz para comunicar nossas queixas e alegrias, para clamar por socorro ou convidar para o amor. E, nesse ponto, pergunta-se como é possível imaginar que os animais não falam entre si, uma vez que eles falam conosco e nós com eles. Em seus termos, “de quantas formas falamos com nossos cães? E eles nos respondem. Conversamos com eles com uma outra linguagem, com chamamentos diferentes do que com os pássaros, com os porcos, os bois, os cavalos, e mudamos de idioma de acordo com a espécie”.<sup>11</sup> Para o filósofo, “[A] os cavalos, os cães, os bois, as ovelhas, as aves e a maioria dos animais que vivem conosco reconhecem nossa voz e se deixam conduzir por ela”.<sup>12</sup>

De maneira mais direta, a existência de uma comunicação com os animais é algo diretamente experimentado por Montaigne na relação que ele estabelece com sua gata. Se, na última edição dos *Ensaïos* publicada em vida por Montaigne (1592), lemos seu famoso questionamento — “quando brinco com minha gata, quem sabe se ela não se distrai comigo mais do que eu com ela?”<sup>13</sup> —, no manuscrito de Bordeaux (1595) encontramos o desenvolvimento dessa reflexão: “entretemo-nos com macaquices recíprocas. Se tenho minha hora de começar ou recusar-me, ela também tem a sua”.<sup>14</sup> É importante ressaltar a sutil modificação empreendida por Montaigne: passamos, dos verbos conjugados de maneira singular, ou seja, das ações singulares, para uma ação conjugada de maneira plural e com o auxílio de um pronome reflexivo (“entretemo-nos”). É como se Montaigne e sua gata, ao se entreterem com suas brincadeiras, abandonassem suas antigas posições, uma posição de separação e distância, para compartilharem uma unidade de gestos e pensamentos. Uma unidade que não anula suas individualidades, mas que se constrói em seus movimentos compartilhados.

Vimos anteriormente que o objetivo de Montaigne consiste em relativizar a vaidade humana que faz com que nos consideremos superiores aos animais. Assim, ao mostrar de que forma nos comunicamos com os animais, Montaigne acredita ter mostrado que “[A] não estamos nem acima nem abaixo do restante: tudo o que está sob o céu, diz o sábio, incorre numa lei e num destino igual”.<sup>15</sup> Afinal, uma vez que vivemos, diz o filósofo, “tanto eles como nós, sob o mesmo teto, e respiramos o mesmo ar; há entre nós, salvo o mais e o menos, uma perpetua semelhança”,<sup>16</sup> pergunta-se: “[A] de qual vaidade pode vir que coloquemos abaixo de nós e interpretemos com desdém as produções que não podemos imitar nem compreender?”<sup>17</sup>

---

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 190.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 203.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 181.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 191.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 202.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 222.

3

As reflexões de Montaigne sobre nossa comunicação com os animais, como um capítulo da relação entre linguagem e comunicação, podem ser analisadas de diferentes formas. Gostaria de sublinhar duas destas formas: por um lado, é possível identificar a influência do ceticismo antigo, particularmente dos tropos de Enesidemo, na elaboração dos argumentos desenvolvidos por Montaigne; por outro lado, é possível contrastar o sentido dos argumentos de Montaigne com o sentido que a discussão sobre uma possível comunicação com os animais estava assumindo antes, durante e depois da publicação dos *Ensaio*s.

Em sua obra *Esboços Pirrônicos*, Sexto Empírico apresenta-nos alguns conjuntos de modelos argumentativos que tinham como objetivo induzir a suspensão de juízo em relação às doutrinas dogmáticas (particularmente, o estoicismo) que apregoavam o conhecimento das coisas tal como elas são na realidade. Com efeito, esses modelos argumentativos são mais conhecidos como *tropos de Agripa* e *tropos de Enesidemo*.

Em um determinado passo da exposição do primeiro dos tropos de Enesidemo, aquele que se refere à suspensão do juízo em decorrência da variação entre os animais, Sexto Empírico afirma que,

Concedendo neste [ponto], ainda que não entendamos as enunciações dos chamados animais irracionais, não é totalmente desarrazoado que eles conversem, mas nós não entendamos; pois também não entendemos as enunciações dos bárbaros quando as escutamos, mas supomos que elas sejam uniformes.<sup>18</sup>

É praticamente impossível não recordarmos as seguintes palavras de Montaigne:

[A] Essa deficiência que impede a comunicação entre [os animais] e nós, por que não será tanto nossa quanto deles? É de conjecturar a quem cabe a falha de nos entendermos; pois não os entendemos mais do que eles a nós. Por essa mesma razão, eles podem considerar-nos estúpidos, como consideramos a eles. Não é de se espantar que não os entendamos: tampouco entendemos os bascos e os trogloditas.<sup>19</sup>

E, na mesma direção, afirma Sexto Empírico no parágrafo seguinte:

E também, ouvimos a emissão de enunciações de cães quando estão mandando alguém embora, outro [som] quando estão uivando, outro quando apanham, e um diferente se estão deferentes. E, de modo geral, se alguém fosse atentar a este [assunto], descobriria uma grande variedade de enunciações [emitidas] tanto por este [i.e. o cão] quanto pelos outros animais em diferentes circunstâncias, por isso provavelmente se poderia

<sup>18</sup> Sexto Empírico, I, 74, *apud* Brito, 2018, p. 91.

<sup>19</sup> Montaigne, 2002b, 12, p. 182.

dizer que também os chamados animais irracionais participam da razão [que reside no] proferimento.<sup>20</sup>

Um argumento que também nos remete às seguintes afirmações de Montaigne:

[A] De resto, percebemos muito claramente que entre eles existe uma comunicação plena e integral e que se compreendem mutuamente — não apenas os da mesma espécie como também de espécies diferentes. Em um determinado latido do cão o cavalo reconhece que existe cólera; com um certo outro som seu ele não se assusta. Mesmo aos animais que não tem voz, pela reciprocidade de serviços que observamos entre eles atribuímos facilmente algum outro meio de comunicação.<sup>21</sup>

É perceptível que as palavras de Montaigne ecoam — quase repetem, na verdade — o espírito da argumentação de Sexto Empírico. Aliás, assim como este, aquele também oferecerá um sem número de exemplos sobre as diferentes maneiras através das quais compreendemos aquilo que os animais desejariam comunicar-nos, assim como eles compreendem aquilo que, a eles, comunicamos. A investigação das semelhanças e das diferenças entre as argumentações de Montaigne e Sexto Empírico é um capítulo importante dos estudos sobre a obra de Montaigne, e bem poderíamos analisar sua reflexão sobre nossa comunicação com os animais sob esse prisma. No entanto, gostaria de indicar um outro cenário no qual os argumentos de Montaigne podem ser vislumbrados.

Apesar de os argumentos de Montaigne soarem bastante plausíveis para ouvidos contemporâneos, ciosos de nossas relações com os animais, o contexto cultural no qual o filósofo encontrava-se inserido orientava suas reflexões em outra direção. Saul Frampton apresenta-nos um excelente resumo desse período, orientado pela tese segundo a qual “o movimento humanista, em cujo espírito Montaigne foi educado, via na capacidade do homem para a linguagem a essência da humanidade, o que o distinguia dos animais”.<sup>22</sup> Com efeito, Frampton nos apresentará como emblemáticas do movimento humanista algumas citações de Picco della Mirandola e de Erasmo de Roterdã, representativas do período imediatamente anterior ao nascimento de Montaigne, e das posições de René Descartes e de Nicolas Malebranche, representativas do período posterior à morte do mesmo.

Em seu famoso *Discurso sobre a dignidade do homem*, Picco della Mirandola, afirma que:

“O homem é um animal de natureza diversa, multiforme e destrutível.” Mas por que enfatizo isso? Para que entendamos que tendo nascido nesse estado e de modo que possamos ser o que queiramos, já que estamos em posição privilegiada, devemos então tomar um cuidado especial para que ninguém possa nos acusar de não sabermos que somos semelhantes aos animais de carga brutos e sem inteligência.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Sexto Empírico, I, 75, *apud* Brito, 2018, p. 91.

<sup>21</sup> Montaigne, 2002b, 12, p. 182.

<sup>22</sup> Saul Frampton, 2015.

<sup>23</sup> Picco della Mirandola *apud* Frampton, 2015.

Ainda antes de Montaigne, Erasmo de Roterdã afirma, em seu *Manual de um soldado cristão*, que “o homem tem uma alma constituída de uma coisa muito boa e um corpo como se fosse um animal bruto ou sem inteligência”.<sup>24</sup>

Frampton destaca, no período que se segue à morte de Montaigne, a teoria do animal-máquina de Descartes, presente na quinta parte do *Discurso do Método*, de acordo com a qual haveria uma diferença bastante explícita entre os homens e os animais. Afirma Descartes que:

É uma coisa fácil de se notar que não há homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem excetuar nem mesmo os dementes, que não sejam capazes de combinar diversas palavras e de com elas compor um discurso no qual possam expressar seus pensamentos; e que, pelo contrário, não há outro animal, por mais perfeito e bem nascido que seja, que faça o mesmo. Isto não acontece por lhes faltarem órgãos, pois as pegas e os papagaios podem proferir palavras como nós, entretanto não podem falar como nós, isto é, atestando que pensam o que dizem; ao passo que os homens surdos e mudos de nascença e privados dos órgãos que servem aos outros para falar, tanto ou mais que os animais, costumam eles mesmos inventar alguns sinais pelos quais se fazem entender por quem, convivendo habitualmente com eles, tem ensejo de aprender sua língua. E isto não prova somente que os animais têm menos razão que os homens, mas que não têm absolutamente nenhuma.<sup>25</sup>

E, após a publicação do *Discurso do Método*, em carta para o Marquês de Newcastle, Descartes insiste neste assunto, deixando claro que:

Quanto ao entendimento ou ao pensamento que Montaigne e alguns outros atribuem aos bichos, não posso ter a mesma opinião. [...] Ora, ao que me parece, é muito notável que a palavra, sendo assim definida, só convenha ao homem. Pois ainda que Montaigne e Charron tenham dito haver maior diferença entre o homem e o homem do que entre o homem e o bicho, jamais encontrou-se, todavia, um bicho tão perfeito que tenha usado algum signo para dar a entender a outros animais algo que não tivesse relação com as paixões destes; & não há nenhum homem tão imperfeito que não use de algum [signo], de sorte que os que são surdos & mudos inventam signos particulares, pelos quais expressam seus pensamentos. O que me parece ser um fortíssimo argumento para provar que o que faz com que os bichos não falem como nós é que eles não têm pensamento algum, & não que lhes falem órgãos. E não se pode dizer que eles falam entre si, mas que nós não os entendemos; pois assim como os cachorros, & alguns outros animais, nos expressam suas paixões, eles também nos expressariam seus pensamentos, caso os tivessem.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Erasmo de Roterdã *apud* Frampton, 2015.

<sup>25</sup> Descartes, 1996, p. 64-65.

<sup>26</sup> Descartes, 2017, p. 222.

Na esteira de Descartes, Nicolas Malebranche conclui: “Eles comem sem prazer, choram sem dor, crescem sem ter consciência disso; eles não têm desejos, nada temem e nada sabem”.<sup>27</sup>

Para Frampton, a virada humanista, aliada à invenção da imprensa e a um maior desenvolvimento da alfabetização, “levou a linguagem, em lugar da razão somente, a ser cada vez mais considerada como a marca distintiva do homem. Com a proliferação de textos impressos, a linguagem se tornou mais visível, tornando óbvio que os animais não liam”.<sup>28</sup> É sempre difícil dizer que um determinado filósofo foi o *único* a sustentar certa posição em um período histórico específico, mas penso que podemos dizer que Montaigne não desfrutava de um grande número de companheiros na defesa de sua posição.

#### 4

Até agora, vimos que Montaigne desenvolveu seus argumentos sobre nossas capacidades comunicacionais, enfatizando nossa comunicação com os animais, no interior de uma crítica à vaidade humana. Também observamos as semelhanças de alguns dos argumentos de Montaigne com argumentos construídos por Sexto Empírico em sua apresentação do ceticismo pirrônico (particularmente, com o primeiro dos Tropos de Enesidemo), bem como das diferenças entre os argumentos de Montaigne e aqueles sustentados por filósofos nos séculos imediatamente anterior e posterior. Com efeito, a hipótese deste texto é a de que (i) se a natureza da finalidade comunicacional da linguagem é um problema para a filosofia da linguagem e (ii) se o desenvolvimento de reflexões acerca desta questão é suficiente para que incluamos um filósofo na história da filosofia da linguagem, então, certamente, (iii) podemos considerar Montaigne como um filósofo da linguagem, ou, pelo menos, como um filósofo que refletiu sobre problemas que estão na órbita da filosofia da linguagem. Para encerrar a construção de minha hipótese, falta desenvolver seu primeiro item.

Com efeito, são muitas as maneiras através das quais podemos caracterizar a filosofia da linguagem enquanto uma área específica de interesse filosófico.

Danilo Marcondes, por exemplo, em sua coletânea *Textos Básicos de Linguagem*, afirma que, tradicionalmente, existem dois grandes eixos em torno dos quais as discussões sobre a linguagem costumam girar. O primeiro eixo refere-se à relação entre a linguagem e a mente (ou o pensamento), ao passo que o segundo refere-se a utilização da linguagem com finalidade comunicacional.<sup>29</sup>

Cláudio Costa, por sua vez, em seu livro *Filosofia da Linguagem*, afirma que podemos compreender a filosofia da linguagem com o auxílio de dois pares de categorias antagônicas; isto é, a filosofia da linguagem poderia ser estrita ou ampla, bem como ideal ou ordinária.

Por um lado, uma filosofia da linguagem estrita se confundiria com uma investigação sobre a natureza e o funcionamento da linguagem (ou seja, seria uma *análise* da linguagem), ao passo que uma filosofia da linguagem ampla se confundiria com um tratamento crítico de problemas filosóficos metodologicamente orientada por uma investigação da linguagem (ou seja, seria uma *crítica* da linguagem). Isto significa que uma filosofia da linguagem ampla abordaria os problemas filosóficos em geral de forma crítico-linguística; já uma filosofia da linguagem estrita

---

<sup>27</sup> Malebranche *apud* Frampton, 2015.

<sup>28</sup> Frampton, 2015.

<sup>29</sup> Cf. Marcondes, 2010.

encapsularia questões tais como a natureza do significado de nossas expressões linguísticas, da função referencial da linguagem, da verdade de nossas proposições, bem como da relação entre linguagem e comunicação.

Por outro lado, seja num sentido estrito ou amplo, também podemos distinguir a filosofia da linguagem como ideal ou ordinária. Isto é, enquanto a filosofia da linguagem ideal se concentraria em revelar a estrutura lógica de nossa linguagem natural, a filosofia da linguagem ordinária investigaria a estrutura funcional da linguagem, adotando como modelo nossa linguagem cotidiana.<sup>30</sup>

Sofia Miguens, por seu turno, em seu livro *Filosofia da Linguagem - uma introdução*, além de se valer da distinção entre uma filosofia da linguagem ideal e outra ordinária, arrola entre as razões pelas quais o estudo da linguagem atrai a atenção dos filósofos o fato de a linguagem ser uma característica exclusiva dos humanos, fato que, para muitos, faz com que o estudo sobre a linguagem revele algo sobre a especificidade humana (ou, se quisermos, sobre a “natureza humana”).<sup>31</sup> Já Piotr Stalmaszczyk, em sua introdução ao recente *The Cambridge Handbook of the Philosophy of Language*, registra a teoria da relevância como uma abordagem cognitiva à comunicação humana e à compreensão do enunciado.<sup>32</sup>

Podemos concluir, a partir destas apresentações, que a finalidade comunicacional da linguagem, ou a utilização da linguagem para fins comunicacionais, é um dos problemas que motivam seu estudo filosófico. De modo que, sim, (i) a natureza da finalidade comunicacional da linguagem é um problema para a filosofia da linguagem, e, sim, (iii) podemos considerar Montaigne como um filósofo da linguagem, ou, pelo menos, como um filósofo que refletiu sobre problemas que estão na órbita da filosofia da linguagem, caso (ii) o desenvolvimento de reflexões acerca desta questão for suficiente para que incluamos um filósofo na história da filosofia da linguagem.

Avencemos um pouco, porém.

Quando Montaigne afirma que a linguagem dos movimentos deveria ser considerada como a linguagem própria da natureza humana, ele também menciona como exemplo os movimentos dos quais as pessoas mudas se servem com o objetivo de se comunicarem. Penso que aqui poderíamos incorrer em um equívoco. Da maneira como compreendo os argumentos de Montaigne, não me parece que ele está defendendo que a linguagem dos movimentos seria semelhante às contemporâneas línguas de sinais, as quais configuram-se da mesma maneira que uma língua natural. Para mim, na medida em que um de seus exemplos capitais é exatamente a relação que Montaigne estabelece com sua gata, com o auxílio da sutil transformação verbal (manifestada pelo verbo em primeira pessoa do plural em forma reflexiva, “entretemo-nos”), sua reflexão se vincularia ao espaço afetivo configurado por nossos gestos, e não às línguas de sinais (uma vez que, em uma língua de sinais, os sinais não são gestos)<sup>33</sup>. Nas palavras de Montaigne: “Há certas inclinações de afeição que às vezes nascem em nós sem a deliberação da razão, que provêm de uma temeridade fortuita que outros chamam de simpatia; os animais são capazes dela, como nós”.<sup>34</sup>

A anedota a seguir, a meu ver, narrada por Ana Luisa Escorel no livro *O Pai, A Mãe, e a Filha*, ilustra a maneira como compreendo os argumentos de Montaigne:

---

<sup>30</sup> Cf. Costa, 2002.

<sup>31</sup> Cf. Miguens, 2007, pp. 27-31.

<sup>32</sup> Cf. Stalmaszczyk, 2022, p. 38.

<sup>33</sup> Cf. Quadros e Karnop, 2004, pp. 29-37.

<sup>34</sup> Montaigne, 2002b, 12, p. 208.

Difícil de entender, a mãe da menina.

Dos quatro adultos da casa era a mais recolhida. Não que fosse fraca. Era muito forte, até. Mas a força dela ficava toda emborcada para dentro, uma criança não conseguia ver de jeito nenhum.

História, ela não gostava de contar e nem sabia, também. Quando o pai ou a avó por alguma razão não podiam, ela, num esforço danado, coitada, pegava um livro escrito em inglês, ficava lendo e traduzindo enquanto lia, parando muito para ajustar as palavras ao melhor sentido. Quer dizer, aquela atenção toda voltada para o texto não tinha a menor graça e nem o ritmo entrecortado da narrativa atendia ao desejo da menina.

Paciência? Quase nenhuma! E ai dela se chegasse perto da mãe, concentrada na tese!

Também não gostava se a menina reclamasse depois do banho, quando sentava na cama e encaixava a pobre em pezinha entre os joelhos, para fazer cachos no cabelo molhado. Ficar bonito até que ficava, mas quem estava interessada naquilo? A menina queria era sair para a rua e brincar com os amigos! Mas tinha de aceitar com sabedoria de Jó, numa inversão milimetricamente proporcional à pouca paciência da mãe:

– Ainda falta muito?

– Fica quieta, menina!

[...]

A mãe da menina gostava de dormir e de acordar tarde. Sempre funcionou assim, leu, produziu seus textos e esteve com os amigos noite adentro, gastando, ainda, boas horas do período noturno, numa prosa sem fim com o marido, retomada de algum ponto e a qualquer pretexto. Apesar disso, a partir de certo momento, se dispôs a sacrificar muito desse ritmo, tão essencialmente dela. Anos a fio, três vezes por semana, levantava cedo tomando a direção do Opel cinzento para levar a menina às aulas de balé, esperando pacientemente por mais de uma hora, até a sequência de exercícios se completar:

– *Assemblée, changement, pas de bourrée, sous-sous!* – comandava a professora polonesa, entrava aula, saía aula, escandindo o nome dos passos, na batida incisiva de um bastão contra o assoalho de tábuas lavadas.

Como se não bastasse – convenhamos, a mãe tinha coisa bem mais importante em que aplicar o tempo e a atenção –, todo final de ano, no largo período de treinamento do balé, acompanhava os ensaios, as provas das fantasias e, por fim, era obrigada a assistir aos pesadíssimos espetáculos no Teatro Municipal, nos quais um bando de brasileirinhas, mais para sambantes, tentava alcançar a hierática disciplina das escolas de dança clássica europeias.

E também, com aplicação e interesse raros, cobrindo o desenvolvimento gráfico da filha dos 2 até para lá dos 8 anos de idade, colheu e guardou cuidadosamente todos os desenhos dotados de alguma graça. Registrando com disciplina a data, a idade e, muitas vezes, um pequeno comentário da menina sobre os próprios rabiscos, numa frequência simbólica aparentemente dissociada da leitura sugerida pelos traços lançados no papel. Talvez fosse essa dissonância que atraísse a mãe, sempre atenta à força expressiva do inconsciente. Além, quem sabe, da curiosidade natural em uma professora de estética, pelo encaminhamento de cada solução plástica.

## Haveria uma filosofia da linguagem nos *Ensaíos* de Montaigne?

Com o mesmo empenho fez roupas para bonecas, e os vestidos, saias e blusas mais bonitos e graciosos que a menina jamais teve. Tricotou, encapou livros e cadernos, noites adentro, no acabamento perfeito de sempre.

Por muito tempo, levou a filha às aulas de piano, tentando ajudá-la a se entender com as partituras e a se familiarizar com a notação musical, invariavelmente substituída pelo ouvido afiado. As pautas, por causa disso, se mantinham completa e absolutamente inexpugnáveis, apesar dos continuados esforços da mãe.

Mesmo diante da evidência dessa memória, só anos depois, fazendo grande esforço e dando muita volta na cabeça e no coração, a menina conseguiu descobrir qual tinha sido o jeito de a mãe gostar dela: deslocando para o gesto, o que não alcançava a palavra.<sup>35</sup>

*Deslocar para o gesto aquilo que a palavra não alcança*: não poderia resumir melhor o que entendo das reflexões de Montaigne sobre a comunicação, sobre a linguagem dos movimentos, sobre essa linguagem que é própria da natureza humana e que é capaz de nos conectar com os animais.

### Referências

- BRITO, Rodrigo Pinto de. “Sexto Empírico e os animais: tradução espelhada do primeiro tropo de Enesidemo (Esboços Pirrônicos I, 36-79.1)”. In *Rónai, Revistas de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, Vol. 6, N. 2, 2018, pp. 80-92.
- COSTA, Cláudio. *Filosofia da Linguagem*. Coleção Filosofia Passo-a-Passo. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2002. E-book.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.
- DESCARTES, René. “Carta de Descartes ao Marquês de Newcastle”. Trad. Fábio Baltazar do Nascimento Júnior. In *Modernos & Contemporâneos*, Campinas, V. 1, N. 2., Jul./Dez., 2017, pp. 221-225.
- ESCOREL, Ana Luísa. *O pai, a mãe e a filha*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro Sobre Azul, 2010.
- FRAMPTON, Saul. *Quando brinco com a minha gata, como sei que ela não está brincando comigo?*. Montaigne e o estar em contato com a vida. Trad. Marina Slade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015. E-book.
- MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010. E-book.
- MIGUENS, Sofia. *Filosofia da Linguagem, uma introdução*. Porto: Editora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaíos*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaíos*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

---

<sup>35</sup> Escorel, 2010, p. 82-83; p. 107-109.

MONTAIGNE, M. de. *Ensaíos*. Trad. Rosemary Costhek Ablío. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2002c.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

STALMASZCZYK, Piotr. "Philosophy of Language: Definitions, Disciplines, and Approaches". In *The Cambridge Handbook of the Philosophy of Language*, editado por Stalmaszczyk, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-48.